

Uma tarde, quando o Sol penetrava até ao fundo da loja, a Gerente veio até onde eu me encontrava e disse:

— Klara, decidi pôr-te de novo na montra. Desta vez vais ficar lá sozinha, mas sei que não te importarás. Tens sempre tanto interesse pelo exterior...

Fiquei tão surpreendida que olhei para ela sem conseguir falar.

— Querida Klara — disse a Gerente. — E era sempre com a Rosa que eu me preocupava... Não estás preocupada, pois não? Não deves preocupar-te. Certificar-me-ei de que arranjas uma casa.

— Não estou preocupada, Gerente — respondi. Quase mencionava Josie, mas consegui conter-me a tempo, lembrando-me da nossa conversa depois da vinda da rapariga do cabelo espetado à loja.

— A partir de amanhã, então — disse a Gerente. — Só seis dias. Também te vou dar um preço especial. Lembra-te, Klara, de que vais representar de novo a loja, por isso dá o teu melhor.

Senti a minha segunda vez na montra de modo diferente da primeira, e não só porque Rosa não estava comigo. A rua lá fora mostrava-se tão animada quanto antes, mas percebi que tinha de fazer mais esforço para ficar empolgada com o que via. Por vezes um táxi abrandava, um passante debruçava-se para falar com o motorista e eu tentava adivinhar se seriam amigos ou inimigos. Outras vezes observava as pequenas figuras que cruzavam as janelas do Edifício RPO e tentava compreender o que significavam os seus movimentos e imaginar o que cada pessoa estivera a fazer antes de surgir no rectângulo e o que faria depois.

A coisa mais importante que observei durante a minha segunda vez foi o que sucedeu ao Pedinte e ao seu cão. Foi no quarto dia — numa tarde tão cinzenta que alguns táxis ligaram as luzes — que reparei que o Pedinte não estava no seu sítio costumeiro, a saudar os passantes no vão de porta falso existente entre os edifícios RPO e Escadas de Incêndio. Primeiro não pensei muito naquilo, pois o Pedinte vagueava com frequência, às vezes por longos períodos. Mas então uma vez olhei para o outro lado da rua e percebi que afinal ele se encontrava lá, assim como o seu cão, e eu não os vira porque estavam deitados no chão. Tinham-se cosido com o vão de porta falso para se manterem fora do caminho dos passantes e era por isso que do nosso lado era possível confundi-los com os sacos que às vezes os funcionários municipais deixavam para trás. Não despreguei os olhos deles, vendo-os nos intervalos dos passantes, e reparei que o Pedinte não se mexia, assim como o cão, nos seus braços. Às vezes um passante reparava e detinha-se, mas depois recomeçava a andar. Por fim, o Sol ficou quase atrás do Edifício RPO e o Pedinte e o cão continuavam exactamente como tinham estado todo o dia. Tornou-se óbvio que tinham morrido, apesar de os passantes não saberem. Senti tristeza, então, conquanto fosse uma coisa boa eles terem morrido juntos, abraçando-se e tentando ajudar-se mutuamente. Desejei que alguém reparasse para eles poderem ser levados para um sítio melhor, e mais tranquilo, e pensei dizer algo à Gerente. Mas quando chegou a hora de eu descer do estrado da montra para dormir, ela parecia tão cansada e séria que decidi não dizer nada.

Na manhã seguinte a grade subiu e revelou um dia radioso. O Sol derramava o seu alimento para a rua e o interior dos edifícios, e quando olhei para o sítio onde

o Pedinte e o cão tinham morrido vi que não estavam nada mortos — que um tipo especial de alimento do Sol os salvara. O Pedinte não estava ainda a pé, mas sorria e soergueu-se, apoiando as costas no vão de porta falso, uma perna estendida e a outra flectida, para poder apoiar o braço no joelho. Com a mão livre, afagava o cachaço do cão, que também regressara à vida e observava as pessoas que passavam. Absorviam ambos avidamente o alimento especial do Sol e tornavam-se mais fortes a cada minuto que passava. Percebi que não demoraria muito — talvez mesmo nessa tarde — até o Pedinte se pôr de pé e fazer as habituais observações animadas no vão de porta falso.

Os meus seis dias terminaram depressa e a Gerente disse-me que eu tinha sido um crédito para a loja. Enquanto estivera na montra, tinham entrado mais pessoas do que a média, disse-me, e eu fiquei feliz ao ouvi-lo. Agradei-lhe ter-me concedido uma segunda oportunidade e ela sorriu e disse que estava certa de que agora eu não teria de esperar muito mais.

* * *

Dez dias mais tarde, fui transferida para o nicho dos fundos. A Gerente, sabendo como eu gostava de ter uma boa visão do exterior, assegurou-me que seria apenas por poucos dias e depois poderia regressar ao meio da loja. De qualquer modo, acrescentou ela, o nicho dos fundos era uma posição muito boa; e é verdade que não me importei de todo. Sempre gostara dos dois AA que agora estavam sentados na Mesa de Vidro, contra a parede do fundo, e tinha ficado suficientemente perto deles para poder ter longas conversas e chamá-los, desde que não houvesse clientes.

Todavia, o nicho dos fundos ficava atrás do arco, por isso não só não havia vista para o exterior como era difícil ver até a parte frontal da loja. Se quisesse ver os clientes quando entrassem na loja, teria de me inclinar toda para a frente e espreitar junto à parede do arco, e mesmo assim — mesmo que desse uns passos — a visão seria obstruída pelas jarras de prata sobre a mesa das revistas e os B3 no meio da loja. Por outro lado, talvez por estarmos mais afastados da rua — ou pela forma como o tecto se abobadava nos fundos da loja — conseguia ouvir os sons mais distintamente. Foi por isso que soube, só de lhe ouvir os passos, muito antes de ela falar, que Josie entrara na loja.

— Porque é que tinham de ter aquele perfume todo? Eu quase sufoquei.

— Era sabonete, Josie — disse a voz da Mãe. — Não era perfume. Sabonete cortado à mão e muito sofisticado, era o que era.

— Bom, não era aquela loja. Esta é que é. Eu disse, Mamã. — Ouvei os passos cuidadosos dela sobre o soalho. Depois: — Tenho a certeza de que é esta loja. Mas ela já não está cá.

Dei três passinhos em frente até conseguir ver, entre as jarras de prata e os B3, a Mãe fitar algo fora do meu campo de visão. Só lhe via um lado do rosto, mas pensei que parecia ainda mais cansada do que quando a vira no passeio, a parecer uma daquelas aves empoleiradas no alto, ao vento. Calculei que estivesse a observar Josie — e que Josie estivesse a olhar para a nova rapariga B3 no nicho da frente.

Durante algum tempo, não aconteceu nada. Depois a Mãe perguntou:

— O que achas, Josie?

Josie não respondeu e eu ouvi os passos da Gerente avançarem pelo soalho. Sentia agora aquele silêncio especial na loja, quando todos os AA estão à escuta, perguntando-se se estará iminente uma venda.

— A Sung Yi é uma B3, claro — disse a Gerente. — Uma das mais perfeitas que já vi.

Conseguia agora ver o ombro da Gerente, mas ainda não via Josie. Depois ouvi a voz de Josie dizer:

— És mesmo fantástica, Sung Yi. Por isso, por favor, não me interpretes mal. É só que... — Interrompeu-se e ouvi de novo os seus passos cuidadosos. Então, pela primeira vez, vi-a. Josie estava a olhar a toda a volta da loja.

A Mãe disse:

— Ouvi dizer que estes novos B3 são muito bons em cognição e memória. Mas por vezes podem ser menos empáticos.

A Gerente emitiu um som que era um suspiro e também uma gargalhada.

— No início, talvez, soube-se que um ou dois B3 foram um pouco teimosos. Mas posso garantir-lhe que aqui a Sung Yi não tem esses problemas.

— Importa-se que me dirija directamente à Sung Yi? — perguntou a Mãe à Gerente. — Gostaria de lhe fazer algumas perguntas.

— Mas, Mãe, para quê? — intrometeu-se Josie, agora de novo fora do meu campo de visão. — Eu sei que a Sung Yi é maravilhosa. Mas não é quem eu quero.

— Não podemos continuar a procurar eternamente, Josie.

— Mas era esta loja, estou a dizer-te, Mamã. Ela estava aqui. Acho que chegámos demasiado tarde, foi o que foi.

Foi pena Josie ter entrado quando eu tinha sido posta no fundo da loja. Ainda assim, tinha a certeza de que ela iria em breve até ao sítio da loja onde eu estava e me veria, e foi por essa razão que permaneci ali, sem fazer um único som. Mas talvez houvesse mais uma razão. Quase ao mesmo tempo que tinha sentido alegria ao perceber quem entrara na loja, apoderara-se um medo da minha mente — um medo que tinha que ver com o que a Gerente me dissera naquele dia, acerca do modo como as crianças fazem muitas vezes promessas e depois não regressam, ou, se o fazem, ignoram o AA a quem tinham feito a promessa e escolhem outro. Talvez fosse por isso que fiquei ali à espera, em silêncio.

Depois chegou-me de novo a voz da Gerente e desta vez notei um tom diferente.

— Desculpe, menina. Segundo julgo compreender, está à procura de uma AA específica? Uma AA que já viu?

— Sim, minha senhora. Teve-a na montra há algum tempo. Era mesmo bonita e mesmo elegante. Parecia quase francesa. Cabelo curto, bastante escuro, e as roupas eram também todas escuras e tinha os olhos mais bondosos e era tão elegante...

— Penso que sei a quem se refere — disse a Gerente.
— Se quiser seguir-me, menina, vamos descobrir.

Só então me coloquei num sítio onde podiam ver-me. Tinha estado toda a manhã fora dos padrões do Sol, mas então entrei em dois rectângulos luminosos que se intersectavam no momento preciso em que a Gerente, com Josie no seu encaço, chegou ao arco. Quando Josie me viu o rosto encheu-se-lhe de alegria e ela apressou o passo.

— Ainda cá estás!

Estava ainda mais magra. Avançou para mim com o seu passo incerto e pensei que se preparava para me abraçar,

mas deteve-se no último momento e olhou para o meu rosto.

— Oh, caramba! Pensei mesmo que tinhas ido embora!

— Porque iria embora? — disse-lhe, baixinho. — Fizemos uma promessa.

— Pois foi — disse Josie. — Pois foi, acho que sim. Acho que eu é que fiz asneira. Quero dizer, ao demorar tanto tempo.

Enquanto eu lhe sorria, ela chamou sobre o ombro:

— Mamã! É ela! A que eu tenho procurado!

A Mãe aproximou-se lentamente do arco e depois parou. Durante um momento, olharam as três para mim: Josie à frente, a sorrir abertamente; a Gerente logo atrás dela, também a sorrir, mas com uma cautela no olhar que interpretei como um sinal importante da sua parte; e depois a Mãe, de olhos semicerrados como as pessoas no passeio quando tentam ver se um táxi está livre ou já ocupado. E quando a vi e o modo como me olhava, o medo — o tal que sentira mas se desvanecera quando Josie tinha gritado «Ainda cá estás!» — regressou à minha mente.

— Não era minha intenção demorar tanto — dizia Josie. — Fiquei um bocadinho doente. Mas agora estou outra vez boa. — Depois chamou de novo: — Mamã? Podemos comprá-la já? Antes que alguém venha e a leve?

Houve um silêncio e depois a Mãe disse, baixinho:

— Esta não é uma B3, presumo.

— A Klara é uma B2 — confirmou a Gerente. — Da quarta série, que há quem diga que nunca foi ultrapassada.

— Mas não uma B3.

— As inovações dos B3 são realmente assombrosas. Mas alguns clientes sentem que, para um determinado tipo de criança, um B2 topo de gama pode ainda ser a melhor escolha.

- Estou a ver.
- Mamã. É a Klara que eu quero. Não quero outra.
- Um momento, Josie. — Depois perguntou à Gerente:
- Todos os Amigos Artificiais são únicos, não é assim?
- Assim é, minha senhora. E mais especialmente a este nível.
- Então o que torna esta única? Esta... Klara?
- A Klara tem muitas características únicas, podíamos ficar a manhã toda a enumerá-las. Mas se quisesse salientar apenas uma, bem, teria de ser a sua apetência para a observação e a aprendizagem. A sua capacidade para absorver e integrar tudo o que vê à sua volta é espantosa. Em resultado disso, tem agora a compreensão mais sofisticada de todos os AA desta loja, B3 incluídos.
- A sério?
- A Mãe fitou-me de novo com os olhos semicerrados. Avançou então três passos na minha direcção.
- Importa-se que lhe faça umas perguntas?
- Esteja à vontade, por favor.
- Mamã, por favor...
- Desculpa, Josie. Vai para ali um momento enquanto eu falo com a Klara.
- Ficámos sós, a Mãe e eu, e embora tentasse manter o sorriso no meu rosto, não foi fácil, e posso até ter deixado transparecer o medo.
- Klara — começou a Mãe —, não quero que olhes para a Josie. Agora diz-me, sem olhares. De que cor são os olhos dela?
- São cinzentos, minha senhora.
- Muito bem. Josie, quero que fiques em silêncio absoluto. Agora nós, Klara. A voz da minha filha. Acabaste de a ouvir falar. Qual dirias ser o timbre da voz dela?

— A sua voz conversacional tem uma extensão entre o Lá bemol acima do Dó médio e a oitava de Dó.

— A sério? — Mais um silêncio, e depois a Mãe disse: — Última pergunta, Klara. No que reparaste sobre o modo de andar da minha filha?

— Talvez haja uma fragilidade na anca esquerda. O ombro direito também tem algum potencial doloroso, por isso Josie caminha de um modo que a protegerá de um movimento súbito ou um impacto desnecessário.

A Mãe considerou a resposta. Depois, disse:

— Bem, Klara, já que pareces saber tanto acerca disto, podes imitar o modo de andar da Josie, para eu ver? Podes fazê-lo para mim? Agora mesmo? O andar da minha filha?

Atrás do ombro da Mãe, vi os lábios da Gerente abrirem-se, como se prestes a falar. Mas ela não disse nada. Em vez disso, olhando-me nos olhos, fez-me um sinal quase imperceptível de assentimento.

Por isso comecei a andar. Percebi que, além da Mãe — e, claro, de Josie — toda a loja estava agora a observar e escutar. Avancei sob o arco, para os padrões do Sol que se alongavam no soalho. Depois segui na direcção dos B3 que se encontravam a meio da loja e do Carrinho Expositor Envidraçado. Fiz tudo ao meu alcance para imitar o andar de Josie tal como o vira, daquela primeira vez que ela tinha saído do táxi, quando Rosa e eu estávamos na montra, e também quatro dias mais tarde, quando ela se aproximara da montra depois de a Mãe retirar a mão do seu ombro, e, por fim, como a vira há momentos, correndo para mim com uma felicidade aliviada nos olhos.

Quando cheguei ao Carrinho Expositor Envidraçado comecei a contorná-lo, tendo cuidado para não perder a

imitação do andar de Josie mesmo enquanto tentava não esbarrar no rapaz B3 que estava ao lado do carrinho.

Mas, quando me preparava para iniciar a volta de regresso, ergui a cabeça e vi a Mãe, e algo me fez parar. Ela continuava a observar-me atentamente, mas era como se o seu olhar estivesse agora focado através de mim, como se eu fosse o vidro da montra e ela estivesse a tentar ver algo muito atrás de mim. Permaneci junto do Carrinho Expositor Envidraçado, um pé erguido, de calcanhar no ar, e sentiu-se uma quietude estranha na loja. A Gerente quebrou-a:

— Como vê, a Klara tem uma capacidade de observação extraordinária. Nunca conheci outra assim.

— Mamã. — Desta vez Josie falou em voz baixa. — Mamã. Por favor.

— Muito bem. Levamo-la.

Josie veio ter comigo a correr. Pôs os braços à minha volta e abraçou-me. Quando olhei sobre a cabeça da criança, vi a Gerente sorrir de felicidade, e a Mãe, com o rosto abatido e sério, a olhar para baixo, remexendo na mala a tiracolo.